

CONCOURS GÉNÉRAL DES LYCÉES

—

SESSION 2021

—

VERSION ET COMPOSITION EN LANGUE PORTUGAISE

(Classes de terminale voie générale et toutes séries technologiques)

Durée : 5 heures

—

L'usage de tout dictionnaire est interdit

Consignes aux candidats

- Ne pas utiliser d'encre claire
- N'utiliser ni colle, ni agrafe
- Numéroté chaque page en bas à droite (numéro de page / nombre total de pages)
- Sur chaque copie, renseigner l'en-tête + l'identification du concours :

Concours / Examen : CGL

Epreuve : 101

Matière : PORT

Session : 2021

TEXTE

O Rinoceronte Do Rei

No início de 1515, um rinoceronte chega a Lisboa, enviado por Modafar, Sultão de Cambaia, para el-Rei Dom Manuel I. O bicho faz sensação no reino e em todo o continente. Com o rinoceronte (Ganda), veio um jovem tratador indiano chamado Océm...

Océm conduziu o *Ganda* pela trela presa à pata; o bicho, quiçá tão assarrapantado como ele, bramia baixo numa vozinha de cana rachada muito desconforme ao seu tamanho, o que provocou ainda mais espantadas bocas abertas de dentes podres dos estivadores e dos mariolas que se espalhavam pelo areal. Até os pedreiros da torre em construção foram ver aquilo, trazendo ainda nas mãos os martelos, os picões e as machadas.

Houve um que disse...

“Chamai o mestre Arruda, que ele vai gostar de ver isto.”

[...] E logo um moço mirrado por má-sorte e má comida correu para o estaleiro da torre gritando: “Mestre Arruda, mestre Arruda, chegou o demo a Lisboa.”

A dois passos, um homem sorriu a Océm.

“És o tratador do rinoceronte?”

Foi o primeiro português a sorrir-lhe em Portugal.

“Sou Nicolau Faria, estribeiro d’el Rei D. Manuel, que Deus guarde, e sou o responsável pelo bicho e por ti. Não temas. Vem comigo.”

À medida que percorriam as ruas, ouviam-se muitas línguas e as pessoas tinham diferentes aspetos – estranha cidade aquela que parecia terra sem povo próprio. Havia os pretos como chamiços e alvos como leite, e ainda trigueiros como mouros; falava-se língua de portugueses e língua dos árabes e língua misturada de africano e português, mas todos à uma apontavam o *Ganda* com assombro como se tivessem a mesma tez e a mesma língua.

Ajuntava-se cada vez mais gente para ver a comitiva que levava avante Nicolau Faria abrindo alas e atrás Océm puxando o *Ganda*... [...] Passaram numa rua ampla cheia de lojas, a que chamavam Rua Nova Dos Mercadores; ficava paralela ao rio e ali tudo se vendia, aquilo parecia a ucharia de todo o mundo. Mais à frente havia um gradeamento repleto de homens sisudos, que haviam interrompido os afazeres para ver tal estranheza; via-se que era gente graúda, pois quanto mais graúda mais sisuda. Em seu redor tinham homens entroncados, que lhes serviam de guardas; já se sabe que os ricos nunca andam à porrada, pagam a alguém para bulhar por eles.

Em redor ouvia-se apregoar de tudo, desde cativos vendendo aguardente, cuscuz, chicharos, ameixas, aletria, e favas até marinheiros com a cabeça atorresmada por sol a mais, que garantiam em voz alta que já tinham visto *rinocerotas* em África e que os *rinocerotas* africanos eram maiores que este que vinha da Índia; e mais garantiam, dando-se ares, que até já tinham visto outras coisas de espanto nas florestas do Mbzanza Congo e mais além...

“Cobras do comprimento de vinte passos e com a grossura duma coxa gorda. Eu vi!”. [...]

“Nunca em Portugal se viu um rinoceronte, Océm. Diz-se mesmo que este é o primeiro a chegar à Europa.”

“Para onde vamos, senhor?”

“Para o pátio dos bichos. Ficarás lá com o teu animal no estábulo já determinado. Terás casa para ti, a par do pátio.”

Ao fim da dita rua viraram para norte e seguiram pela Rua dos Ourives da Prata, essa por ser mais estreita, parecia ainda mais apinhada. A dois passos, um fedelho piolhento

roubava a bolsa de um ferreiro gordo, que não despregava os esbugalhados olhos da comitiva. O fedelho era muito novo. Ao seu lado um cão de perna manca e magro como Job gania baixo. O cão era muito velho. Ninguém lhes ligava nenhuma, mas Océm viu.

45 Chegaram por fim a uma praça. Havia uma casa enorme com arcos e escadarias, à porta da qual estava muita gente torta e com má cor, manetas uns, torcidos outros, mulheres embuchadas que mal se tinham de pé tal o tamanho do bucho, alguns com pernas tortas, outros com olhos vazos, outros com chagas purulentas, e outros, enfim, por aí fora.

50 “É o Hospital Real de Todos os Santos. Também há hospitais na tua terra?”

De repente, começou o barulho. Dir-se ia que se abria a porta da selva ou que Noé estendera a rampa da sua Arca soltando os animais depois de trezentos e tal dias acoitados à espera de que parasse a chuva. No fundo da praça a que chamavam de Rossio, havia um estábulo com muitas jaulas e muitos pássaros, faziam uma granizada medonha que até o *Ganda* hesitou, só recomeçando a marcha depois de lhe darem erva fresca para o engodar, pois se é certo que via mal, ouvia bem. Araras e catatutas e papagaios estavam dentro de jaulas pequenas e à sua banda havia jaulas maiores onde estavam, cada um na sua, é bom de ver, leões e zebras, leopardos e ocelotes, antílopes e gatos-almiscarados, toupeiras e chitas, gazelas e macacos. Na jaula maior do estábulo,

55 [...] um elefante bramia, nervoso, enquanto os bêbados lhe chamavam de “alifão” em voz alta. Uma outra jaula grande ficava no extremo oposto; para essa levaram o *Ganda*. [...]

60 “É aqui que ficamos, senhor?”

“Sim. Este enorme estábulo é o jardim dos animais d’el – Rei.” [...]

65 Entretanto, fruto da canseira e da pança saciada, o *Ganda* adormeceu.

Sérgio Luís de Carvalho, ***O Rinoceronte Do Rei***, Clube do Autor Edições, julho de 2019, pp: 40, 41, 42, 43 e 44.

I. ÉTUDE DU TEXTE

1. Faça uma análise minuciosa da atmosfera tão particular que reinava nas ruas de Lisboa por ocasião da exibição do Ganda.
2. Comente a reação das pessoas perante um tal espetáculo.
3. Saliente a maneira como o narrador evoca “o jardim dos animais d’el Rei”.
4. Estude os aspetos realistas deste excerto.

II. TRADUCTION

Traduza para o francês o trecho que vai de: “Chegaram por fim a uma praça. [...]” (l. 46) até: “[...] pois se é certo que via mal, ouvia bem.” (l. 56).

III. ESSAI

Acaba de ler um excerto de um romance histórico da autoria de Sérgio Luís de Carvalho relativo ao reinado de Dom Manuel I, baseado em factos e em personagens reais. Conhecer o passado, saber a História, será algo relevante? Numa língua cuidada, responda a esta questão de maneira organizada, argumentada e ilustrada.